

A ÁRVORE DA CURA



*fundamentos psicológicos e bíblicos para
aconselhamento cristão e cuidado pastoral*

ROGER F. HURDING

Dedicatória	5
Créditos	7
Diagramas	11
Prefácio da edição em português	13
Prefácio	15

**PRIMEIRA PARTE /
O DESENVOLVIMENTO DAS PSICOLOGIAS SECULARES 19**

1 Introdução: a árvore do cuidado pastoral	21
2 Que é aconselhamento?	29
3 O behaviorismo: o homem como máquina	53
4 A psicanálise: o homem e seus instintos	69
5 A psicanálise: o homem e a sociedade	91
6 O pessoalismo: o homem e o eu (I)/ A psicologia humanista	125
7 O pessoalismo: o homem e o eu (II)/ A psicologia existencial	145
8 O transpessoalismo: o homem além do eu	171
9 As novas terapias	209

**SEGUNDA PARTE /
A REAÇÃO E A RESPOSTA CRISTÃS 243**

10 Afundar, nadar e lutar	245
11 À procura do caminho na floresta	281
12 O aconselhamento bíblico	315

1 / Aconselhamento e psicoterapia	37
2 / O desenvolvimento da personalidade na infância	105
3 / As etapas rumo à maturidade humana (segundo Erikson)	109
4 / Representação da visão de Frankl acerca da pessoalidade	152
5 / O surgimento do transpessoalismo	172
6 / A personalidade humana (segundo Assagioli)	182
7 / Os níveis de terapia e de desintegração de fronteiras (segundo Wilber)	194
8 / As interações entre os estados do ego (segundo Berne)	223
9 / O surgimento do aconselhamento pastoral	258

prefácio da edição em português

Há quase 30 anos na vanguarda das publicações teológicas de nível acadêmico no Brasil, apresentamos agora ao prezado leitor outra obra de larga envergadura. Cientes do ainda escasso número de títulos que privilegiam conselheiros e psicoterapeutas cristãos, sejam leigos, sejam profissionais da área, prestamos aqui outra contribuição por meio deste compêndio das principais doutrinas da psicologia aplicadas ao aconselhamento e à psicoterapia, quer seculares, quer em suas variações cristianizadas.

Em nosso árduo trabalho de dar um tempero brasileiro aos pratos que compõem a farta mesa oferecida pelo autor, chamamos a atenção para dois procedimentos básicos adotados nesta edição. Em primeiro lugar, procuramos tornar o texto o mais natural possível aos olhos e ouvidos do leitor familiarizado com o jargão da psicologia no Brasil. Essa decisão poderá ser motivo de estranheza nos casos em que os termos já consagrados não sejam necessariamente compatíveis com as opções mais castas do vernáculo, mas isso será sentido somente por quem não tiver muito contato com o vocabulário psicológico.

Em segundo lugar, à medida que o leitor percorrer as páginas de cada capítulo, deparará com obras citadas pelo autor. Na primeira ocorrência de cada uma, apresentamos entre colchetes, após o título em inglês, ou o título da edição brasileira correspondente (em itálico), ou uma tradução livre, sempre que não conseguimos identificar o possível correspondente na bibliografia brasileira (em tipo normal, não italicizado). Os pormenores bibliográficos do rodapé da página, com poucas exceções, são pertinentes à edição usada pelo autor. No final deste volume, apresentamos o resultado de um levantamento, ainda que não exaustivo, de obras em português no campo da psicologia (citadas ou não pelo autor) com os respectivos elementos bibliográficos disponíveis junto às bibliotecas da PUC—Pontifícia Universidade Católica e da Faculdade Teológica Batista, ambas de

14 / A ÁRVORE DA CURA

São Paulo, além das informações recolhidas do *Catálogo coletivo de livros, teses e publicações seriadas* (UNIBIBLI—CD-ROM, 2. ed., São Paulo, USP, UNESP e UNICAMP, 1995) com o acervo das bibliotecas da USP, da UNESP e da UNICAMP.

Por fim, desejamos expressar nosso caloroso *muito obrigado* a toda a equipe envolvida na produção da *árvore da cura*. A orientação recebida de profissionais da área foi essencial para a exatidão terminológica do texto e para a coleta de informações bibliográficas. Apesar de corrermos o risco de omissão involuntária de nomes, reconhecemos o precioso esforço dos seguintes colaboradores: Dr. Zenon Lotufo Jr., Dr. Ageu Lisboa, Dr.^a Maria Alice Rocha, Dr.^a Rosemarie R. Rocha, Dr.^a Miriam R. S. Leite Oyama e Cristina Sugano. Sem o trabalho generoso dessas pessoas, não teríamos condições de oferecer ao público da Vida Nova uma obra de referência digna de confiança.

São Paulo, Natal de 1995.

Na Convenção de Livreiros Cristãos de 1980, em Londres, por ocasião do lançamento de meu primeiro livro, *Restoring the image* [A restauração da imagem], um jovem que eu nunca vira antes dirigiu-se a mim com as seguintes palavras:

— Você segue a linha de Jay Adams ou de Narramore?

— Que me lembre — respondi —, nenhuma!

Fiquei atônito porque, pelo menos em alguns círculos cristãos, acreditava-se haver apenas duas escolas possíveis de pensamento na área do aconselhamento. Gradualmente, ao longo dos anos seguintes, decidi colocar em ordem as minhas idéias no que diz respeito à confusa lista de métodos de aconselhamento e de psicoterapia defendidos por cristãos e não-cristãos em ambos os lados do Atlântico. Por que, por exemplo, havia tantas metodologias diferentes dentro do florescente movimento das chamadas “novas terapias”? Seriam todas elas, de uma forma ou de outra, válidas? Ainda, será que o humanismo fundamental dessas metodologias as torna impropriedades para os cristãos? Ou seriam alguns dos métodos aceitáveis para o crente? Em caso afirmativo, quais? Sobre que premissas? Seria certo “batizar as terapias”? E que dizer dos tipos de aconselhamento que se afirmam cristãos: “bíblico”, “pelo discipulado”, “de crescimento”, “noutético”, “de diálogo”, “espiritual” e “pela oração”, o conceito de “jornada interior” e várias tentativas de curar o passado — das quais a cura interior, a integração primal e a cura da árvore genealógica? Seriam todos esses destaques dignos de confiança em suas diferentes linhas? Seriam alguns mais cristãos, mais bíblicos ou mais ortodoxos que outros? Haveria um *único* método que se pudesse afirmar aconselhamento cristão?

Na tentativa de responder a essas e a outras perguntas semelhantes, escrevi um livro que busca rastrear o desenvolvimento dos atuais métodos de aconselhamento e de psicoterapia, partindo do terreno do Iluminismo e do conseqüente crescimento das psicologias seculares. Sustenta-se que,

em grande parte, o surgimento dessas “artes de ouvir” tem rivalizado com o ministério de cuidado do cristianismo tradicional tendo-o, às vezes, suplantado. E, ainda assim, a árvore do cuidado pastoral ainda vive — apinhada, mas não destruída; cercada, mas não reprimida.

Além disso, procurei mostrar que a igreja não tem sido passiva ante as tendências adversas do behaviorismo, da psicanálise, do pessoalismo e do transpessoalismo. Na segunda parte, exploro a reação, a assimilação e o diálogo cristãos diante das tendências seculares de cuidar dos necessitados. Ao delinear o campo da resposta da igreja, pretendo dar, particularmente no capítulo 11, tanto um mapa quanto uma bússola para ajudar a você e a mim em nossa avaliação de determinado método de aconselhamento. Ao deparar com um “sistema” novo de ajudar os outros, seja secular, seja cristão, minha esperança é que tenhamos melhores condições de responder a perguntas como: “É correto esse tipo de aconselhamento ou terapia?”, “Quais são suas pressuposições e como se enquadram na perspectiva bíblica?”, “Como seu objetivos se harmonizam com a revelação de Deus para nossas vidas?” e “As técnicas apresentadas respeitam o valor de nossa condição de seres criados e de nossa condição humana?”.

Ao escrever um livro que examina as metodologias de protagonistas diferentes, eu mesmo me ponho em risco. Tenho plena consciência do perigo de ser um mau representante de pensamentos alheios. Todos nós, claro, temos conceitos que se transformam e se desenvolvem. O que afirmávamos em 1980 pode ter sido abandonado em 1990 — e talvez seja retomado no ano 2000. São essas idéias, ainda que ultrapassadas na concepção de seu criador, que talvez ainda valha a pena explorar. Na execução, fiz o máximo possível para ser justo e exato, mas, ao mesmo tempo, peço desculpas a qualquer pessoa que, inadvertidamente, eu tenha ofendido. Meu propósito foi, sempre que possível, encontrar um vínculo com as concepções de outros estudiosos. Tentei evitar métodos partidários, que com demasiada facilidade polarizam “essa posição” em detrimento “daquela”. Cada vez mais me convenço de que os pensamentos de Deus estão bem acima dos nossos, sendo impossível que um grupo ou outro monopolize a verdade divina. A Verdade é o próprio Jesus, e é em relação a ele que podemos avançar humildemente rumo a uma compreensão melhor. Tal cautela vem a calhar tanto na complexa área das ciências humanas quanto em qualquer outra área. Creio, no entanto, que exista uma objetividade proveitosa em minhas observações acerca do aconselhamento e da psicoterapia que estimulará mais reflexão, oração e ação no serviço do Senhor.

Sou grato a muitas pessoas no que se refere à elaboração deste livro: a Joy e a nossos filhos — Sarah, Simon e Rachel — pelo amor e pela

paciência nos quase três anos de redação; à ajuda de Penny Tuohy e Pam Lapraik na organização dos primeiros capítulos; ao cuidado meticuloso de Janet Croysdale, quando me ajudou a vasculhar o texto para fazer o “Índice” e aos funcionários das bibliotecas do Trinity College, do Wesley College, da Faculdade de Medicina da Universidade de Bristol, do Hospital Barrow e da Câmara Municipal de Avon. Por trás de todos os aspectos práticos, gostaria de manifestar minha gratidão a colegas das áreas assistenciais, que estimularam a reflexão e o debate sobre a inter-relação entre teologia e psicologia. São eles, em particular, membros de uma associação de psiquiatras e de outros profissionais cristãos, os quais se vêm reunindo informalmente em Bristol desde o início da década de 70, e do grupo patrocinado pelo Care and Counsel, um serviço de aconselhamento cristão sediado em Londres. Há muitos nomes que se poderiam mencionar, mas prefiro fazer menção especial de Monty Barker, Michael Clarke, Finn Cosgrove, Glyn Harrison, Tim e Anne Hockridge, Glenn Roberts, Alison Sankey e Jan Smith, dentre os do primeiro grupo, e David Atkinson, Myra Chave-Jones, Jenny Francis, Joy Guy, Sonia Hall, Harold Harland, Julie Holborn, Denzil Jarvis, Elizabeth Shedden e Ian Williams, dentre os do segundo grupo; meus bons amigos Roger Moss e Richard Winter têm vínculos com os dois grupos. Finalmente, desejo agradecer a David Atkinson, Joy Guy, Nick Isbister, Peter van de Kastele, John Wesson e Peter Williams os comentários discernentes sobre vários aspectos do texto. Sou particularmente grato a Joy Guy e Nick Isbister pelas observações perspicazes sobre o manuscrito, e a Nick por suas úteis sugestões sobre as referências, especialmente quanto a Freud e Laing.

Alguns cristãos não têm esperança de que possa vir algo de bom do movimento de aconselhamento e instam conosco a que voltemos para a Bíblia, para os pais da igreja ou para a tradição cristã no que diz respeito a todas as nossas perspectivas quanto ao cuidado de outros. Compreendo esses modos de ver, mas prefiro dizer que, para os que têm discernimento, há muito na terapia secular que é manifestação da graça comum de Deus e harmoniza-se com sua palavra revelada. Há uma grande carência de pessoas entre nós, com convicções cristãs, que examinem as metodologias disponíveis para que possamos distinguir os sinais do reino. Ao fazê-lo, nosso objetivo é uma integração das abordagens psicológica e teológica que sejam válidas. Tal empresa não deve ser um mero exercício acadêmico, mas um esforço por trazer o amor do Pai, a comunhão do Filho e o poder de cura do Espírito a cada aspecto das vidas que buscamos ajudar.

Roger F. Hurdling, domingo da Santíssima Trindade de 1985.

PRIMEIRA PARTE

***O desenvolvimento
das psicologias
seculares***

Introdução: a árvore do cuidado pastoral

A história se repete.
Não poderia ser diferente.
Ninguém presta atenção.

STEVE TURNER

Num livro que examina o desenvolvimento das psicologias seculares e a extensão das adaptações cristãs diante disso, é importante situar a discussão em seu todo histórico. No debate atual sobre a validade do aconselhamento e da psicoterapia, e sobre a relação entre essas atividades altamente profissionalizadas e as preocupações pastorais cotidianas da igreja, existem muitas perguntas por fazer. Será o “aconselhamento” um fenômeno exclusivo do século XX — exportado dos Estados Unidos para outros países junto com as calças Levi’s, o McDonald’s, a série *Dallas* e os mísseis teleguiados? Ou será o aperfeiçoamento do antiquíssimo cuidado de uma pessoa por outra? Quaisquer que sejam as origens do movimento de aconselhamento, como o povo cristão deve encarar suas lisonjas? Deve a igreja acolher ou rejeitar os *insights* de conselheiros e psicoterapeutas? Caso sejam bem recebidos, essas “novas” intuições devem simplesmente intensificar o cuidado pastoral tradicional — ou deve-se permitir que o usurpem? Caso os rejeitemos, quais as nossas razões?

Como quer que compreendamos o papel do aconselhamento e da psicoterapia nos dias de hoje (e o objetivo deste livro é tratar dessa questão), devemos lembrar que o povo de Deus sempre teve o compromisso do amor mútuo e do cuidado tanto pelo próximo quanto pelo

“inimigo”. Esse fardo de compaixão vem marcando pontos há pelo menos dois mil anos e tem resultado em incontáveis “atos de misericórdia”, restituições e reformas. Talvez possamos ver a história desse “amor em ação” como uma grande árvore — a árvore do cuidado pastoral — com raízes profundamente fincadas no solo do chamado de Deus, o tronco e os galhos crescendo em obediência a Cristo e a vida nutrida pelo Espírito.

A história do crescimento dessa árvore tem sido avaliada de diversas maneiras.¹ Entre essas apreciações, a obra de Clebsch e Jaekle, *Pastoral care in historical perspective* [O cuidado pastoral numa perspectiva histórica] descreve quatro funções essenciais no cuidado pastoral eficaz:

O ministério de cura das almas, ou cuidado pastoral, consiste em atos de auxílio, feitos por *cristãos típicos*, voltados para *cura, amparo, orientação e reconciliação de pessoas com problemas* que surgem no contexto de *significados e preocupações básicas*.²

Este livro oferece numerosos exemplos da maneira em que “cristãos típicos” — da igreja ocidental e da oriental, católicos romanos e protestantes, místicos e ativistas, sacramentalistas e evangélicos — tentaram ajudar os outros, levando-lhes cura, amparo, orientação e reconciliação. Clebsch e Jaekle apontam para a herança literária imensamente rica que pode inspirar e incentivar o pastor de hoje — figuram a *Carta a uma jovem viúva*, escrita por João Crisóstomo por volta de 380; o *Livro do cuidado pastoral*, de Gregório, o Grande (do final do século VI); *A imitação de Cristo*, de Thomas à Kempis (do início do século XV); a carta *Catorze consolos para os exaustos e sobrecarregados*, escrita por Martinho Lutero em 1520; os *Exercícios espirituais*, de Inácio de Loyola (de meados do século XVI), e a obra de Richard Baxter, *O pastor aprovado* (de 1656). O valor da redescoberta de escritos pastorais tradicionais por parte dos cristãos do século XX preocupados com a questão é algo também enfatizado pelo teólogo americano Thomas Oden.³

1. Veja, e.g., John T. McNeill, *A history of the cure of souls* (Harper & Brothers, 1951); H. R. Niebuhr e Daniel D. Williams (eds.), *The ministry in historical perspectives* (Harper & Brothers: 1956); e William A. Clebsch e Charles R. Jaekle, *Pastoral care in historical perspective* (Jason Aronson, 1975).
2. Clebsch e Jaekle, p. 4. Aqui, os autores reconhecem alguma dívida para com Seward Hiltner, *Preface to pastoral theology* (Abingdon Press, 1958), p. 89-172.
3. Thomas C. Oden, “Recovering lost identity”, *The Journal of Pastoral Care* 34 (1980) p. 4-18; *Pastoral theology: essentials of ministry* (Harper & Row, 1983) e *Care of souls in the classic tradition* (Fortress, 1984). Veja no capítulo 10 uma avaliação de alguma das instigantes visões de Oden.

Apesar do estímulo ao crescimento que essas obras históricas concedem, a vida da árvore do cuidado pastoral nem sempre esteve saudável. Além de fraquezas internas, causadas por distorções de perspectivas bíblicas e por impedimentos à obra do Espírito, as influências externas ameaçaram, em certos períodos, sugar a vitalidade do cuidado cristão. Às vezes, é como se árvores rivais crescessem sufocantemente perto, no campo das necessidades humanas, de forma que se formou um verdadeiro bosque de sistemas alternativos. Outras vezes houve mais espaço em nossa floresta imaginária, e a influência das árvores vizinhas foi menos prejudicial. Seja a influência hostil, seja neutra, seja até amigável, talvez não se possa evitar que a natureza e a qualidade do cuidado pastoral da igreja se influenciem, até certo ponto, por ideologias circundantes. Clebsch e Jaekle apresentam de modo mais positivo a questão, quando declaram que “o cuidado pastoral sempre utilizou as psicologias da época”.⁴ Vemos esse empréstimo de idéias, por exemplo, na influência do estoicismo sobre João Crisóstomo,⁵ do pensamento aristotélico sobre Tomás de Aquino no século XIII⁶ e no forte relevo dispensado à razão e à vontade nos pastores do pós-Iluminismo, como John Keble.⁷

4. Clebsch e Jaekle, p. 69.

5. Clebsch e Jaekle citam a *Carta a uma jovem viúva*, de João Crisóstomo (c. 347-407), como típica da orientação da igreja imperial — com o forte toque de psicologia estoica da época. Nesse exemplo, a jovem enlutada é instada a considerar sua sorte melhor que a de outras mulheres, cujos maridos haviam morrido na guerra. Veja Philip Schaff (ed.), *The Nicene and post-Nicene fathers* (Eerdmans; 1975), First Series, v. IX, “St. Chrysostoms”, p. 121.

6. A filosofia de Tomás de Aquino (1226-1274) — o “doutor da igreja [católica]” — foi fortemente influenciada pelo pensamento aristotélico de que as pessoas só podem obter conhecimento mediante a experiência sensorial e a razão. Veja Colin Brown, *Filosofia e fé cristã* (Vida Nova, 1983), p. 19-28, e Morton Kelsey, *Encounter with God* (Hodder and Stoughton, 1974), p. 64ss.

7. John Keble (1792-1866), um dos que tomaram parte do Movimento de Oxford, é apresentado por Clebsch e Jaekle como um exemplo de pastor cuja orientação ressaltava que as faculdades humanas podiam satisfatoriamente ajudar os necessitados a sair das dificuldades. Veja, por exemplo, sua carta a William Copeland (primavera de 1846), na qual o insta a abster-se de imitar Newman, que deixou o anglicanismo para abraçar o catolicismo romano (em Georgina Battiscombe, *John Keble: a study in limitations* [Constabel, 1963], p. 277). [O Movimento de Oxford foi um sistema de princípios apresentados numa série de panfletos publicados em Oxford entre 1833 e 1841, os quais tinham por alvo as idéias de Erasto, teólogo zuingliano, e o liberalismo, lutando também por um reavivamento da piedade sacramental patristica e da teologia do século XVI. (N. do T.)].

Foi durante os séculos XVII e XVIII que os antigos sistemas, com raízes no pensamento grego primitivo acerca da natureza da humanidade, começaram a gerar novos brotos, os quais, com o tempo, produziram alguns vizinhos particularmente intimidantes para a árvore do cuidado pastoral. Esses gigantes amedrontadores — as árvores do behaviorismo, da psicanálise, do pessoalismo e do transpessoalismo — serão examinados com detença nos capítulos seguintes. Seus precursores, no solo do Iluminismo, ofereceram idéias conflitantes sobre a vida humana, de sorte que a “Razão” tornou-se o árbitro decisivo nas questões de fé e de moralidade. Por conseguinte, grande parte da supervisão pastoral começou a convergir para a necessidade de sustentar os fiéis diante das perplexidades da época. Contra esse cenário, aperfeiçoou-se o conceito de “teologia pastoral”, influenciado pelo puritanismo dos países de língua inglesa, pelo pietismo alemão e pelo cristianismo reformado clássico, bem como pelo catolicismo, com seus contínuos ritos e cerimônias. Ao mesmo tempo, grandes progressos estavam ocorrendo fora das fronteiras da igreja, no âmbito da cura psicológica e física.⁸ A crença na importância fundamental da demonologia e da bruxaria começou a esvanecer-se, buscando-se outras explicações para as necessidades e as enfermidades das pessoas. À medida que essas antropologias concorrentes se firmavam, elas ameaçavam sufocar e enfraquecer a árvore do cuidado pastoral cristão tradicional. Clebsch e Jaekle escrevem: “... foi durante o Iluminismo que a cura pastoral mergulhou num abandono do qual ainda não se recuperou por completo”. Infelizmente, os pastores tornaram-se “religiosos profissionais”, uma vez que guiavam as pessoas na direção de um “virtuosismo religioso”.⁹

Desde o fim do século XVIII, a prática devocional tende a tornar-se cada vez mais individualista e particular. Esse relevo conferido ao “virtuosismo religioso pessoal” conduziu a uma crescente receptividade aos *insights* psicológicos que surgiram. Dentre essas abordagens, as perspectivas da “psicologia da religião” foram um produto quase inevitável do desenvolvimento das ciências psicológicas. William James (1842-1910), irmão do romancista Henry James, foi uma influência praticamente exclusiva

8. Entre os nomes importantes para o avanço da medicina nesse período, estão: William Harvey (1578-1657), Thomas Sydenham (1624-1689) e Van Leeuwenhoek (1632-1723). Antes do advento da Psiquiatria como disciplina médica na Alemanha em meados do século XIX, entre os que exerceram influência no cuidado dos doentes mentais, encontramos os seguintes: George Cheyne (1671-1743), William Tuke (1732-1822) e John Haslam (1764-1844), na Inglaterra, Philippe Pinel (1745-1826) e Jean Esquirol (1772-1840), na França.

9. Clebsch e Jaekle, p. 29.

nos primeiros momentos desse novo estudo. Filho de um teólogo swedenborguiano, ele lecionou na Universidade de Harvard, sendo sucessivamente professor de medicina, de psicologia e de filosofia. Após a publicação de *Principles of psychology*, em 1890, ele foi convidado a apresentar as Preleções Gifford sobre Religião Natural na Universidade de Edimburgo, em 1901 e em 1902. O livro resultante, *The varieties of religious experience*, é ainda um grande êxito de vendas. Nele, James considerou duas categorias principais de pessoas: as de “mente sadia”, ou “nascidas uma vez”; e as de “almas enfermas”, ou “nascidas duas vezes”. Sob a designação “mente sadia”, ele abrange os otimistas sem nenhuma ou quase nenhuma noção do pecado humano — e ele culpou o cristianismo liberal de contribuir ao menos em parte para essa atitude.¹⁰ Embora a “mentalidade sadia”, com sua insaciável busca da felicidade, possa ser algo atraente, James reconheceu que a realidade do mal e do pecado não permitem o sucesso no nível hedonístico para a maioria de nós. Ele afirmou que é a “alma enferma”, com sua consciência do pecado e do sofrimento, que vive num plano mais profundo e que pode, mediante uma experiência de conversão, unir-se ao grupo dos “nascidos duas vezes”.¹¹

A despeito dessas percepções da natureza humana, James não era um cristão ortodoxo. Incapaz de aceitar “tanto o cristianismo popular quanto o teísmo escolástico”, ele entendia que sua posição era a de “sobrenaturalismo bem dosado”.¹² Sua visão era essencialmente a de um pragmático que descobriu que a idéia de um deus faz sentido na vida cotidiana. Ele afirmou:

... as necessidades práticas e as experiências da religião parecem-me suficientemente satisfeitas pela crença de que, além de cada homem e de certa maneira vinculado a ele, existe um poder maior favorável para ele e para seus ideais.¹³

O pragmatismo de William James tem sido interpretado como um exemplo das tendências que ameaçavam minar o cuidado pastoral tradicional na virada do século. Vicejavam o darwinismo e o freudismo, sistemas mais ostensivamente antagônicos, e as cosmovisões do determinismo biológico e do humanismo otimista cada vez mais se mostrariam perigosas rivais das perspectivas da igreja acerca da natureza humana. A

10. William James, *The varieties of religious experience* (Fount, 1981), p. 103.

11. *Ibid.*, p. 172ss.

12. *Ibid.* p. 496-497.

13. *Ibid.*, p. 499.

árvore do cuidado pastoral, como visto, está habituada a ter outras antropologias por perto. Ademais, Clebsch e Jaekle sustentam que o cuidado pastoral “sempre utilizou as psicologias da época”. Como o cristianismo reagiria diante dessas alternativas de peso, tais como o behaviorismo, a psicanálise e o pessoalismo secular, assim como em face do questionamento menos agressivo do pragmatismo americano e da psicologia da religião? Deveria absorver — talvez de forma acrítica — os *insights* de seus equivalentes não-cristãos? Deveria voltar-se para dentro — evitando idéias externas? Ou deveria de algum modo aprender a conviver com seus vizinhos, estendendo seus ramos de compreensão?

Quando Clebsch e Jaekle escrevem que “o cuidado pastoral sempre utilizou as psicologias da época”, eles acrescentam que ele mesmo “não produz nenhuma psicologia propriamente sua”.¹⁴ Reconhecemos que, ao longo da história, a igreja sempre esteve no mundo e, assim, viu-se suscetível à influência externa — tanto no que tange à psicologia humana, quanto em relação a todas as demais áreas. Devemos, entretanto, concluir que o cuidado pastoral cristão em si “não produz nenhuma psicologia propriamente sua”? Talvez seja óbvio que, com o aumento da secularização de nossa compreensão da humanidade, as “psicologias da época” tenham dado a impressão de ser especialmente opressivas para a árvore do cuidado pastoral. Às vezes, parece que sua influência vivificadora tem sido desprezada por seus exuberantes vizinhos. Minha tese é que, por trás da luta cristã a favor da condição humana, o cuidado pastoral de fato tem uma “psicologia propriamente sua”. Não se trata de um sistema de pensamento obscuro ou fantasioso, mas de uma psicologia profundamente enraizada na maneira pela qual Deus nos fez. Teorias rivais, elaboradas fora do âmbito da “graça comum” do Criador, bem como sob a influência hostil do Inimigo, freqüentemente têm tropeçado nas pepitas de ouro da revelação divina sobre a natureza humana. Minha esperança e oração é que este livro nos ajude a recuperar algo dessa psicologia que seja propriamente nosso, à medida que buscamos alcançar os necessitados. Não podemos fazer o relógio retroceder. A história ainda está atarefada, repetindo-se a si mesma. Os atuais sistemas alternativos que parecem rivalizar com o ministério da igreja estão, em geral, florescendo. Procuremos compreendê-los, rejeitar o que é falso, discernir onde Deus fala por meio deles e entender uma vez mais a maravilha e a singularidade do chamado que ele nos faz para, alegre-

14. Clebsch e Jaekle, p. 69.

mente, dar de nós mesmos para o cuidado de nossos companheiros da família humana.

Que é aconselhamento?

Bons Conselheiros não têm falta de Clientes.

SHAKESPEARE, *Measure for measure*

*Qualquer um com uma pitada de calor humano,
bom senso, alguma sensibilidade aos problemas humanos
e um desejo de ajudar pode trazer benefício a
muitos candidatos à psicoterapia.*

JEROME D. FRANK

Tendo acompanhado certos aspectos da história do cuidado pastoral e observado o surgimento de uma teologia pastoral na época do Iluminismo, comecemos agora a definir alguns termos para ajudar nossa reflexão à medida que analisamos o surgimento do aconselhamento, tanto pastoral quanto secular, durante o século XX.

Que é aconselhamento? O aconselhamento pastoral é a mesma coisa, usando colarinho clerical?¹ Existe algo que se possa chamar aconselhamento *cristão*? Em caso afirmativo, trata-se simplesmente do fenômeno de cristãos dedicados em exercício do ministério de aconselhamento, ou consiste em algo mais específico, com pressuposições, objetivos e, talvez, métodos exclusivamente cristãos? E que dizer do aconselhamento bíblico? Será algo mais “cristão” que o aconselhamento cristão? Existe uma sequência de entendimento e dedicação cada vez mais refinados teologi-

1. Com respeito a uma discussão sobre o aconselhamento pastoral, v. cap. 10, p. 256-7.

camente, desde o aconselhamento “pastoral” até o “bíblico”, passando pelo aconselhamento “cristão”? Ou serão os três, na essência, a mesma coisa?

Uma vez definido o “aconselhamento” de maneira razoável e aceitável, espera-se, deparamos com outra saraivada de perguntas. Pode o aconselhamento da atualidade ser visto num vínculo histórico com o cuidado pastoral? Caso em sentido mais amplo isso não aconteça, pode-se considerar que seus componentes “pastorais”, “cristãos” e “bíblicos” ou só um deles estejam totalmente dentro desse legado? Além do mais, qual a relação entre o aconselhamento feito por cristãos e a evangelização? São sinônimos? São distintos? Sobrepõem-se? E que dizer da psicoterapia? Muitos falam de psicoterapia e aconselhamento como se fossem uma única coisa. São? Ou existem claras distinções entre eles?

Antes de tentar uma resposta neste capítulo e nos seguintes, precisamos reconhecer que estamos tentando abrir caminho em meio a uma floresta particularmente emaranhada de temas complexos. Tais tópicos, por encerrarem questões sobre a essência da nossa condição humana, sobre a substância de nossas dificuldades e sobre a melhor maneira de resolvê-las, podem ser examinados usando-se de um número tão variado de perspectivas que, pelo próprio caráter, podem frustrar uma análise satisfatória. No entanto, tenho a plena convicção de que o labirinto se torna mais tortuoso em virtude da grande quantidade de equívocos, pensamentos desorganizados e mesmo rivalidades profissionais nas áreas de assistência pastoral, evangelização, aconselhamento, psicoterapia e psiquiatria geral. Às vezes, é difícil enxergar toda a floresta da assistência comum a favor da humanidade em razão das árvores individuais do interesse profissional e leigo.

Em primeiro lugar, o exame de algumas definições recentes deve ajudar, nas quais vários teorizadores e profissionais tentaram delinear os fundamentos do aconselhamento. Ao fazê-lo, ver-nos-emos gastando algum tempo na reflexão daquelas qualidades que formam o conselheiro eficaz. Embora as relações aconselhamento—psicoterapia e aconselhamento—evangelização sejam examinadas rapidamente neste capítulo, reservarei a capítulos posteriores a tentativa de examinar de modo abrangente os *insights* bíblicos com respeito ao aconselhamento.

Definições Hoje, basta mencionar a palavra “aconselhamento” em certos círculos profissionais e semiprofissionais, que a reação será bem heterogênea. Uns aceitarão prontamente o termo e sem questionamento; outros, desejosos de definições precisas, sentirão desconforto em usar a palavra de modo genérico; enquanto outros ainda ridicularizarão esse substantivo específico, dizendo que, por abranger um amontoado de fenômenos, seu emprego é praticamente obsoleto. Essa diversidade de

reações é compreensível tendo-se em mente a natureza multifacetada do chamado “movimento de aconselhamento”. Estudaremos a influência desse movimento nos capítulos seguintes. Nesse ínterim, parece-me que muitos dos conceitos contidos na palavra-ônibus “aconselhamento” são tão úteis na questão da ajuda mútua, que é mais sábio fazer o possível para recuperar alguma espécie de definição exequível. Isso é preferível, acredito eu, a sair em busca de novos termos igualmente abertos a generalizações e a equívocos, tais como “pastorear”, com suas conotações de cuidado de ovelhas dentro do corpo de Cristo, e o “ajuda às pessoas”, um tanto canhestro e excessivamente vago.

Imediatamente após buscarmos uma definição clara de aconselhamento, chegamos à questão da relação entre aconselhamento e psicoterapia. A ligação entre os dois termos estabeleceu-se a partir da década de cinquenta e de sessenta, e, para muitos estudiosos, são palavras sinônimas. Por exemplo, Truax e Carkhuff, no livro *Towards effective counselling and psychotherapy* [Por um aconselhamento e uma psicoterapia eficazes], empregam os termos de modo intercambiável.² Thomas Szasz, posicionando-se contra a idéia de ser psicoterapia uma atividade médica, apresenta a dificuldade de demarcação nessa área quando escreve:

... psicoterapia é o nome que damos a um tipo específico de influência pessoal: fazendo uso da comunicação, uma pessoa, identificada como psicoterapeuta, exerce influência supostamente terapêutica sobre outra pessoa, identificada como paciente. Esse processo, claro, nada mais é que constituinte especial de uma classe muito mais ampla — aliás, uma classe tão imensa que praticamente todas as interações humanas nela se enquadram. Em inúmeras outras situações, as pessoas influenciam umas às outras.³

Por experiência própria, havendo trabalhado no meio médico como clínico geral entre 1961 e 1969, tendo especial interesse nas adaptações que Michael Balint fizera da psicoterapia⁴, como médico na área de Saúde Estudantil, com especialização em aconselhamento e psicoterapia, entre

2. Veja também Allen E. Ivey e Lynn Simek-Downing, *Counseling and psychotherapy: skills, theories, and practice* (Prentice Hall, 1980).

3. Thomas Szasz, *The myth of psychotherapy: mental healing as religion, rhetoric, and repression* (1979), p. 9.

4. Veja em particular: Michael Balint, *The doctor, his patient and the illness* (Pitman, 1957), e Michael Balint e Enid Balint, *Psychotherapeutic techniques in medicine* (Tavistock, 1961).

1969 e 1979, e depois, a partir de 1980, na função de conselheiro e psicoterapeuta, atendendo tanto particularmente quanto em participação com uma equipe pastoral, gosto de dizer que existe um *continuum* que passa da forma mais simples de aconselhamento para os níveis mais profundos da psicoterapia.⁵

Essa gradação é percebida no imenso exército de pessoas da sociedade ocidental que se dedicam na qualidade de conselheiros ou psicoterapeutas: clínicos gerais, assistentes sociais, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, foniatrás, arteterapeutas, psicólogos clínicos e educacionais, psiquiatras, conselheiros matrimoniais, terapeutas sexuais, terapeutas familiares, capelães hospitalares, outros clérigos e ministros religiosos e uma ampla gama de voluntários em todas as áreas imagináveis da necessidade humana. Por trás da grande variedade de atividades de assistência desses profissionais e leigos, existem maneiras diversas de encarar a condição humana. Embora este livro se volte basicamente para o exame das perspectivas psicológica, sociológica e teológica, é essencial ressaltarmos a importância do modelo “médico” que subjaz grande parte do aconselhamento e da psicoterapia — particularmente no âmbito da psiquiatria.⁶

A psiquiatria, definida como “o campo de estudo que abrange tudo o que contribui para o reconhecimento, a elucidação, a prevenção e o tratamento das anomalias mentais”, é disciplina considerada médica.⁷ Entretanto, os psiquiatras Eliot Slater e Martin Roth assinalam a “curiosa classificação” da psiquiatria entre a medicina e a neurologia, de um lado, e a filosofia e a psicologia, de outro. É esse vínculo entre as ciências naturais e as ciências humanas que às vezes fica sob tensão, de modo que o psiquiatra pode sentir-se ameaçado ou incompreendido por ambos os lados. No entanto, Slater e Roth mostram que existe uma ligação fundamental entre o clínico geral, o neurologista e o psiquiatra, e

5. Sobre a diversidade de significados da palavra “psicoterapia”, veja Michael S. Aronoff e Stanley Lesse, em Benjamin B. Wolman, (ed.), *The therapist's handbook: treatment methods of mental disorders* (van Nostrand, 1976), p. 46-60.

6. Veja a introdução em Eliot Slater e Martin Roth, *Clinical Psychiatry* (Baillière, Tindall and Cassell, 1969), na qual os autores defendem uma “visão científica” da psiquiatria. Quanto a um claro tratamento do “modelo médico” em psiquiatria, veja Sidney Crown, *Essential principles of psychiatry* (Pitman, 1970), p. 70-75. Com respeito a uma análise mais detida dos “modelos”, veja Arnold H. Buss, *Psychopathology* (John Wiley and Sons, 1966), p. 18-30. Quanto à questão da classificação das doenças mentais no campo da clínica geral, veja Anthony W. Clare e Malcolm Lader, (eds.), *Psychiatry and general practice* (Academic Press, 1981), p. 15-25.

7. E. W. Anderson e W. H. Trethowan, *Psychiatry* (Baillière, Tindall and Cassell, 1967), p. 1.

Este livro divide-se em duas partes: a primeira apresenta o desenvolvimento das psicologias seculares, com raízes em Freud e com posteriores ramificações, como a psicanálise, o behaviorismo, a psicologia humanista e existencialista e as “novas terapias”. A segunda parte põe diante do leitor a resposta cristã, muito bem representada por figuras como Anton Boisen (pai de uma teologia pastoral que leva em conta as teorias de aconselhamento e de psicoterapia), Leslie Weatherhead, Paul Vitz, Jay Adams, Gary Collins, Larry Crabb, Selwyn Hughes, Paul Tournier, Bruce Narramore e Frank Lake, além de vários outros, de menor expressão no Brasil, cujos pensamentos, entretanto, também são merecedores de atenção e de estudo.

Gary Collins, autor de *Aconselhamento cristão* e de *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*, ambos publicados por Vida Nova, avalia a obra de Roger Hurding com as seguintes palavras:

São excelentes os resumos e as avaliações sensíveis das linhas de aconselhamento [...] A perspectiva de Hurding, coerente e cristã, torna este livro valioso especialmente para pastores, para conselheiros cristãos e para membros das igrejas. Como panorama e avaliação do aconselhamento, abrangendo seus pressupostos, alvos, métodos e teorias, este é um livro de primeiríssima linha.

DR. ROGER HURDING, hoje aposentado, tem vasta experiência em psicologia da doença, aconselhamento e psicoterapia. Também tem formação em direção espiritual e na abordagem de Myers-Briggs sobre tipos de personalidade. De 1980 a 2000 foi professor visitante no Trinity College, centro teológico situado em Bristol, onde ensinou cuidado pastoral e aconselhamento. Foi fundador da Rede de Aconselhamento Cristão em Bristol, Reino Unido, liderando seu primeiro programa de treinamento e também consultor para a criação da Associação de Conselheiros Cristãos.